

17/09/2015 - 05:00

Uma solução para a questão síria

Por **Jeffrey Sachs**

O derramamento de sangue em curso na Síria não é apenas, de longe, a maior calamidade humanitária do mundo como também um de seus mais graves riscos geopolíticos. E a atual abordagem dos Estados Unidos - mover uma guerra em duas frentes contra o Estado Islâmico (EI) e o regime do presidente Bashar al-Assad - fracassou estrondosamente. A solução para a crise síria, inclusive para a crescente crise dos refugiados na Europa, precisa passar pelo Conselho de Segurança da ONU.

As raízes da estratégia dos EUA na Síria estão em uma estranha - e malsucedida - união entre duas fontes da política externa americana. Uma abarca a comunidade de segurança dos EUA, incluindo o aparato militar, os órgãos de inteligência e seus convictos defensores no Congresso. A outra fonte provém da comunidade de direitos humanos. Sua fusão singular ficou patente em muitas guerras recentes travadas pelos EUA no Oriente Médio e na África. Infelizmente, os resultados têm sido sistematicamente devastadores.

A comunidade de segurança é regida pela dependência, de longa data, dos formuladores americanos de políticas públicas em relação à força militar e às operações secretas destinadas a derrubar regimes considerados prejudiciais aos interesses americanos. Desde a destituição do governo democraticamente eleito de Mohammad Mossadegh no Irã, em 1953, e do "outro 11 de Setembro" (o golpe militar de 1973, apoiado pelos EUA, contra o democraticamente eleito Salvador Allende, no Chile) até o Afeganistão, o Iraque, a Líbia, e agora a Síria, a mudança de regime é, há muito, moeda corrente da segurança dos EUA.

Na Síria, apenas o multilateralismo pode ter êxito. O Conselho de Segurança da ONU continua sendo a melhor esperança do mundo, na verdade, sua única, de deter o banho de sangue e estancar a enxurrada de refugiados rumo à Europa

Ao mesmo tempo, partes da comunidade de direitos humanos apoiaram as recentes intervenções militares dos EUA, com base na "Responsibility to Protect" ["Responsabilidade em Proteger"], ou R2P. Essa doutrina, adotada unanimemente pela Assembleia-Geral da ONU em 2005, sustenta que a comunidade internacional tem a obrigação de intervir para proteger uma população civil que sofre ataque cerrado desfechado por seu próprio governo. Diante da brutalidade de Saddam Hussein, Muamar Gadafi e Assad, algumas organizações de defesa dos direitos humanos se aliaram à comunidade de segurança dos EUA, enquanto a China, a Rússia e outros argumentaram que a R2P tinha se tornado um pretexto para a mudança de regime encabeçada pelos EUA.

O problema, como os grupos de defesa dos direitos humanos deveriam saber há muito tempo, é que o modelo de mudança de regime da comunidade de segurança dos EUA não funciona. O que parece ser "uma solução paliativa imediata" para proteger as populações locais e os interesses americanos muitas vezes degenera em caos, anarquia, guerra civil e crises humanitárias explosivas, como ocorreu no Afeganistão, no Iraque, na Líbia e agora na Síria. Os riscos de fracasso se multiplicam sempre que o Conselho de Segurança da ONU como um todo não respalda a parte militar da intervenção.

Quando a al-Qaeda atacou os EUA, em 11 de Setembro de 2001, o atentado foi usado pela comunidade de segurança como um pretexto para mover sua guerra, há muito acalentada, para derrubar Saddam. Quando irromperam as manifestações da Primavera Árabe, uma década depois, a comunidade de segurança dos EUA encarou a súbita vulnerabilidade dos regimes de Gadafi e de Assad como uma oportunidade semelhante de instalar novos regimes na Líbia e na Síria.

No caso da Síria, os aliados regionais dos EUA também recomendaram que o governo do presidente Barack Obama

Uma solução para a questão síria atacasse Assad. A Arábia Saudita queria Assad deposto para enfraquecer um país tutelado pelo Irã, o principal rival do reino na disputa pela supremacia regional. Israel queria Assad deposto para enfraquecer as linhas de suprimentos do Irã destinadas ao Hezbollah no sul do Líbano. E a Turquia queria Assad deposto para ampliar seu alcance estratégico e estabilizar sua fronteira sul.

A comunidade humanitária engrossou o coro da mudança de regime quando Assad reagiu à reivindicação dos manifestantes por liberalização política lançando sobre eles o Exército e os paramilitares. De março a agosto de 2011 as forças de Assad mataram cerca de 2 mil pessoas. Nesse momento Obama declarou que Assad teria de "deixar o poder".

Não conhecemos a plena extensão dos atos dos EUA na Síria depois disso. No nível diplomático, os EUA organizaram o grupo "amigos da Síria", formado principalmente por países aliados ocidentais e do Oriente Médio comprometidos com a deposição de Assad. A CIA começou a trabalhar secretamente com a Turquia para canalizar armas, financiamento e material de apoio não letal para o assim chamado "Exército Livre da Síria" e outros grupos insurgentes que lutavam para derrubar Assad.



Os resultados foram um absoluto desastre. Enquanto aproximadamente 500 pessoas foram mortas por mês entre março e agosto de 2011, cerca de 100 mil civis - por volta de 3.200 por mês - morreram entre setembro de 2011 e abril de 2015, com o número total de mortos, incluindo combatentes, tendo atingido talvez 310 mil, ou 10 mil por mês. E, com o EI e outros grupos extremistas violentos capitalizando a anarquia criada pela guerra civil, as perspectivas de paz estão mais distantes do que nunca.

A intervenção militar liderada ou apoiada pelos EUA no Afeganistão, no Iraque e na Líbia produziu desastres semelhantes. Se os EUA quiserem resultados melhores, deveriam parar de agir por conta própria. Os EUA não podem impor sua vontade unilateralmente, e a tentativa de fazer isso simplesmente mobilizou outros países poderosos, como a China e a Rússia, contra si.

A exemplo dos EUA, a Rússia tem forte interesse na estabilidade da Síria e em derrotar o Estado Islâmico; mas não tem interesse em permitir que os EUA instalem o regime de sua preferência na Síria ou em qualquer outro país da região. É por isso que todos os esforços do Conselho de Segurança da ONU de formular uma posição comum para a questão da Síria fracassaram até agora.

Mas é possível e necessário voltar a experimentar a via da ONU. O pacto nuclear entre o Irã e os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança (EUA, China, França, Rússia e Reino Unido) mais a Alemanha, acaba de dar uma poderosa demonstração da capacidade de liderança do Conselho. Ele pode liderar na Síria também, se os EUA abandonarem sua exigência unilateral de mudança de regime e trabalharem ao lado do restante do Conselho, inclusive China e Rússia, em uma postura comum.

Na Síria, apenas o multilateralismo pode ter êxito. A ONU continua sendo a melhor esperança do mundo - na verdade, sua única -- de deter o banho de sangue e estancar a enxurrada de refugiados rumo à Europa. **(Tradução de Rachel Warszawski)**

Jeffrey D. Sachs é professor de Desenvolvimento Sustentável, de Política e Gestão de Saúde e diretor do Instituto da Terra da Universidade de Columbia. É assessor especial do secretário-geral da ONU sobre os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio.